

## Primeira parte - A poeira e as nuvens?

3 - O diálogo de Janus: considerações preliminares

Igor Guedes Ramos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RAMOS, IG. O diálogo de Janus: considerações preliminares. In: *Genealogia de uma operação historiográfica: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da década de 1980* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 207-228. ISBN 978-85-7983-701-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### 3

## O DIÁLOGO DE *JANUS*: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Como diria Thompson, o intervalo acabou! O historiador volta ao palco às pressas e dá de encontro com o filósofo, o que surge é uma imagem estranha que lembra o deus romano-arcaico Janus; divindade das transições (dos fins e dos começos) e, nesse sentido, representado com uma cabeça de duas faces contemplando horizontes opostos, pronunciando sentenças muitas vezes desconexas.<sup>1</sup> Tal como Janus, Thompson e Foucault são duas faces de uma mesma época voltadas para direções opostas, em seus estudos empreenderam formas diversas de *operação historiográfica* e seria difícil surgir um diálogo produtivo entre esses dois pensadores; provavelmente descambaria para ofensas pessoais, como evidencia o relato de Ginzburg (1999):

Lembro-me de estar uma vez num café de Paris conversando com E. P. Thompson e começamos a falar sobre Foucault. Foi quando Thompson disse algo que pensei ter ouvido errado: “Foucault é um charlatão!”. Pedi que repetisse, tal minha surpresa, e era isso mesmo. Concordo que certamente havia muito de charlatão em Foucault, mas não só.<sup>2</sup>

---

1 Cf. Wikipédia: L'encyclopédie libre. Disponível em <[http://fr.wikipedia.org/wiki/Janus\\_\(mythologie\)](http://fr.wikipedia.org/wiki/Janus_(mythologie))>. Acesso em: 25 jul. 2012.

2 Entrevista concedida a Maria Lucia G. Pallares-Burke.

Não obstante, é preciso tentar estabelecer um diálogo de Janus – é preciso torce-lhes a cabeça e abafar as polêmicas. Com isso pretendemos, por um lado, discutir as relações possíveis entre os pensamentos desses dois intelectuais e, por outro lado, estabelecer uma *grade de leitura* para discutirmos suas *apropriações* pelos historiadores brasileiros na Segunda Parte deste estudo.

Para estabelecer esse diálogo é preciso seguir duas regras de método. Primeira, considerar os pensamentos de Thompson e de Foucault como uma “caixa de ferramentas”, e não como um sistema fechado ou uma doutrina. Assim, é possível reconhecer não só as diferenças que evidentemente existem, mas também os pontos de contato possíveis de se articularem em uma *operação historiográfica*. Aqui partimos do princípio de que um pensamento ou um texto são feitos de trajetórias, fragmentos, incoerências, dispersões ou, nas palavras de Michel de Certeau (2011, p.129), “essas práticas [historiográficas] não são totalizantes, fazendo parte de conjuntos coerentes. Um ‘estilo’ operatório não orienta a região inteira das atividades, nem é o elemento de um sistema”. “Intercâmbios, leituras e confrontos que formam as suas condições de possibilidade, cada estudo particular é um espelho de cem faces (neste espaço os outros estão sempre aparecendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram)” (Certeau, 1994, p.110).

A segunda regra de método deriva da primeira e consiste em considerar – tal como Certeau – que a produção historiográfica é resultado de uma *operação*. Portanto, como vimos na introdução, o texto de história é o produto da aplicação de uma série de *práticas*, como conceitos, princípios teóricos, métodos de análise documental, métodos de provação, seleção de fontes etc. Esse produto é exposto por meio de uma *prática de escrita*, em que podem predominar, por exemplo, a *narrativa* (sintética ou sincrônica), a *lógica formal* ou a *descrição*. Enfim, é articulado e orientado por meio de uma postura *ético-política* que neste estudo designa as representações de história e sociedade, as perspectivas de futuro e a tarefa que o autor atribui a si próprio na condução das transformações sociais.

## Métodos e noções

Thompson considerava Foucault um discípulo de Althusser e, portanto, um estruturalista. Como vimos, é difícil concordar com esse diagnóstico do historiador inglês, pois o método de *problematização* ou a arqueogenealogia não é análogo aos “métodos estruturais”, por exemplo, de Lévi-Strauss ou de Althusser. Porém, é preciso convir que os interesses e, conseqüentemente, o método de Foucault divergem do de Thompson. Este último está interessado em completar a “história oficial” com a “história vista de baixo”, ou em reconstituir o que Foucault denominou a “vida em um período”. Esse empreendimento corresponde ao resgate dos grupos humanos, suas ações e formas de pensar ao longo da história, constituindo uma História Total capaz de verificar as regularidades do processo histórico e expressar a vida humana em suas múltiplas facetas.

Para esse empreendimento, Thompson utilizou um “método hermenêutico”,<sup>3</sup> esse método implica entender o documento como *monumento*, ou seja, constituído nas relações de força de uma época e, portanto, tendencioso. Daí, para restituir o passado em sua inteireza e em seus múltiplos aspectos, enfim, fazer uma História Total, é preciso “atravessar” essas relações de força por meio de técnicas de *interpretação* ou *exegese* (como de Heidegger, Marx, Gadamer, Ricoeur, Ginzburg – apesar de ele negar veemente qualquer filiação à hermenêutica –, Geertz etc.). Essas técnicas podem operar estabelecendo o “sentido de conjunto a partir de uma infinidade de indícios aparentemente disparatados” (Neves, 2011, p.41) ou operar recuperando os múltiplos *significados* (dos discursos e das práticas) em jogo numa época e os tornando inteligíveis para os leitores do presente. Ainda, essas operações podem se combinar, por exemplo: Thompson procurou demonstrar que a prática de “venda de esposas” *significava* para a *gentry* um ato selvagem (não civilizado), enquanto *significava*

---

3 Ao longo deste estudo estamos definindo “hermenêutica” a partir das reflexões de Thompson e de Foucault já discutidas e, também, de Dreyfus e Rabinow (1995, p.XVII-XX); Neves (2011, p.41, 42, 45); Cardoso Jr. (2011b; 2001).

para *plebe* um ritual de divórcio regrado e justo; essa divergência de significados é explicada pelo *sentido profundo* que organizava aquela sociedade, a *luta de classes*.

Ao contrário de Thompson, o interesse de Foucault é descrever um conjunto de *práticas* que procuraram conformar uma sociedade em uma dada época. O método arquiogenealógico também considera o documento um *monumento*. Porém, por um lado, seu interesse permite permanecer na “superfície” do documento para “somente” descrever as *práticas* ali presentes e suas relações; e, por outro lado, suas regras e precauções de método – os princípios *enunciativos* da *raridade*, da *exterioridade* e do *acúmulo* – impedem o uso de “procedimentos hermenêuticos” na crítica documental. Enfim, sua técnica recusa a reconstituição do *sentido de conjunto* por meio de indícios ou a exegese do texto em busca dos *significados*.

Thompson (1987b, p.152), por exemplo, ao estudar o luddismo, afirmou: “O fato é que não existe *nenhuma* fonte de evidência sobre a organização do luddismo que não venha ‘tingida’ em alguma medida”. Foucault concordaria imediatamente com essa afirmação e complementar que as declarações de Mellor (luddita de York que foi denunciado e executado) (ibidem, p.158) só chegaram até nós em razão desse “tingimento” ou “iluminação” que é o encontro com o poder: “sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto”.<sup>4</sup> Daí, por um lado, estudaria os motivos e os mecanismos desse poder que “tinge” ou “ilumina” o luddismo; e, por outro lado, para evitar enquadrar em um sistema, divulgaria as falas de Mellor em sua “pureza”, como fez com Pierre Rivière. Ao contrário, Thompson interpreta os documentos, confronta evidências, recolhe indícios, refaz os significados e, enfim, pode “arriscar uma explicação sobre o curso do luddismo. Ele se iniciou (1811) em Nottingham, como forma de imposição ‘sindical’ direta, respaldada pela comunidade trabalhadora. Como tal, imediatamente incorreu em ilegalidade, e sua própria situação o levou a uma direção mais insurrecional” (Thompson, 1987b, p.164) etc.

---

4 Cf. “A vida dos homens infames” (Foucault, 2006a, p.207).

Dessa forma, o que temos são dois métodos<sup>5</sup> de análise documental antagônicos e, paradoxalmente, passíveis de serem considerados *complementares*, por exemplo: Foucault descreveu o mecanismo de funcionamento do suplício e assinalou sua possibilidade de “reversão tática” pelo povo; Thompson demonstrou que o *rough music*, uma prática da plebe muitas vezes utilizada contra as autoridades, operava pela mesma lógica teatral do suplício.

\*\*\*

Como vimos no Capítulo 2, Foucault no “eixo do saber” denuncia as insuficiências do marxismo, sua dependência aos *duplos do Homem*. Hubert Dreyfus e Paul Rabinow associaram cada um desses *duplos* a uma “estratégia explicativa” ou – como preferimos denominar – a um procedimento: *empírico-transcendental* à redução, *cogito-impensado* à clarificação e *recuo-retorno da origem* à interpretação (Dreyfus; Rabinow, 1995, p.45-8, 58 *passim*). A redução *empírico-transcendental* operada pelo pensamento moderno e discutida por Foucault em *As palavras e as coisas*, diz respeito especificamente à tentativa de estudar a capacidade humana de conhecer (raciocinar, pensar, saber etc.) – afirmada como puramente transcendental por Kant – por meio de uma análise empírica do ser humano e de sua história, ou seja, reduzir o transcendental ao empírico. Porém, o procedimento de redução tem outros aspectos, por exemplo, no que diz respeito ao marxismo, a tentativa de reduzir aspectos subjetivos aos aspectos objetivos da história humana, a determinação da superestrutura pela infraestrutura, da *consciência social* pelo *ser social*. A redução se manifesta também de forma distinta na dialética com a redução de todas as contradições

---

5 É importante insistir, o método de Foucault não se altera no “eixo da ética”, ainda se trata de práticas dirigidas a um pequeno número de indivíduos, que poderiam ser ou não acolhidas por esses indivíduos e teriam efeitos sobre eles e na sua relação com os outros; o que não é um estudo da “vida em um período”, ou seja, estava “bem distante das adequações morais, cujo esquema os sociólogos e os historiadores elaboram dirigindo-se a uma pretensa população média” (cf. “O retorno da moral” in Foucault, 2006b, p.255).

a uma contradição principal. Tudo isso permite alinhar todos os aspectos da história a partir de um eixo central ou nexos explicativos, o *socioeconômico* ou *luta de classes*, e abre a possibilidade de uma História Total. Apesar de suas constantes críticas ao reducionismo econômico, podemos reconhecer esses pontos no pensamento de Thompson (1981, p.111-12) e seu “processo histórico integral”.

A clarificação é o procedimento utilizado para elucidar o *impensado*, trazer a verdade obscura do homem à consciência do homem, seja a tomada de consciência do inconsciente em Freud ou do *ser social* em Marx. Em Thompson, apesar dos desdobramentos introduzidos pelas noções de *experiência* e *simultaneidade*, é o *ser social* que de tempos em tempos rompe, agita ou corrige a *consciência social* existente; a tarefa do historiador é, também, se ocupar desse processo de “formação da consciência social e suas tensões” (ibidem, p.15-17). Sem dúvida, é possível reconhecer nessas afirmações um procedimento de clarificação, para escapar disso seria preciso rejeitar essa repartição entre *ser social* e *consciência social*.

Enfim, temos a interpretação (procedimento hermenêutico) que tenta encontrar um sentido profundo na história. Segundo Foucault, Marx – bem como Hegel e Spengler – acredita no “retorno total” da origem no final da história, pois essa se move em direção a um “acabamento”, ao desvelamento completo do significado verdadeiro do homem. Na perspectiva de Thompson, vimos que a história está sempre aberta, é um experimento que está ainda se realizando. Contudo, o historiador inglês insiste na existência de uma regularidade, inclusive em sua perspectiva os historiadores do futuro sempre poderão atualizar os historiadores do presente, pois saberão como os fatos se passaram, terão a possibilidade de analisar com mais precisão o sentido do processo histórico (ibidem, p.58-61). Em Thompson o sentido profundo ou nexos explicativos que atravessa toda a história é, ainda, a *luta de classes*. Assim, haveria no horizonte a possibilidade de um acabamento, o fim da *luta de classes* e o amplo conhecimento desse sentido, dessa Verdade latente. Portanto, apesar de todos os esforços – e não foram poucos –, Thompson não resolveu as ambiguidades do que Foucault denominou *analítica da finitude*.

Isso se manifestou em diferenças de três noções dos dois autores, a saber: *simultaneidade* (ou, no caso de Foucault (2004, p.208), *práticas entre outras práticas*), *experiência* e *sujeito*.<sup>6</sup> Essas noções foram forjadas em oposição ao que Thompson e Foucault consideravam problemas do pensamento de sua época: as duas primeiras noções estão em oposição ao “determinismo econômico” e ao “esquema explicativo infra/superestrutura”, profundamente difundidos pelo(s) marxismo(s) de sua época. O último está em oposição à ideia de uma essência humana ou estrutura universal e permanente que conforma o pensamento e as práticas humanas, tal como aparece na fenomenologia (Husserl), no existencialismo (Sartre) e/ou no estruturalismo (Lévi-Strauss).

Com o conceito de *simultaneidade*, Thompson afirma que os diversos aspectos humanos (ou atividades humanas, como a economia, a cultura, o direito, a política etc.) são inseparáveis e “estão imersos em um mesmo éter”, “iluminação geral” etc., que é o *modo de produção* – definido em “última instância” pelas relações de produção – o que na perspectiva de Foucault é uma repetição do *positivo no fundamental*. Assim, para o historiador inglês é preciso descrever como cada um dos aspectos (que possuem suas características particulares) contribuiu para a manutenção/transformação do *modo de produção*.

Foucault, por sua vez, soluciona o problema do “determinismo econômico” com a noção de *prática entre outras práticas*, ou seja, cada *prática* humana possui inteligibilidade própria e estabelece relações umas com as outras; é preciso descrever as práticas e suas relações, ambas historicamente determinadas. Com efeito, o conceito de *simultaneidade* remete a uma *história total* (com sentido profundo); ao contrário, o conceito de *prática entre outras práticas* remete a uma *história geral* (com dispersão e encontros).

---

6 Os conceitos de *experiência* e *sujeito* em Thompson e Foucault, bem como os fundamentos epistemológicos de seus respectivos pensamentos já foram contrastados por dois historiadores brasileiros, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) e Luzia Margareth Rago (1993). Nossa discussão se aproxima em parte das reflexões desses autores, mas como suas falas também compõem nosso objeto de estudo, estas serão discutidas adiante.



Em relação ao conceito de *experiência*, para Thompson é o que faz a *mediação* entre as *relações de produção* e as outras atividades humanas, como a *experiência vivida* varia no tempo e no espaço e comporta um grau de subjetividade e individualidade (a *experiência percebida*), isso permite ao autor escapar do “determinismo econômico”. Como vimos, até e inclusive *História da loucura*, o conceito de *experiência* de Foucault remete à existência de uma “dupla experiência”: uma essencial ou natural, e a outra que é seu “drapeamento” – para usar um termo de Paul Veyne – ao longo da história; essa noção se aproxima muito do conceito de Thompson.

A “versão definitiva” da noção de *experiência* em Foucault se refere, contudo, ao conjunto de práticas que constituem os sujeitos e que está “disponível” para eles constituírem a si mesmos, esse conjunto é historicamente determinado e define concretamente as “formas de ultrapassagem possíveis” – isto é, as possibilidades de constituição de outras práticas. Essa noção afasta definitivamente Foucault de Thompson. Outra noção do filósofo francês se aproxima do conceito de *experiência* em Thompson é a ideia de “embreagem entre as práticas”, ou seja, a forma historicamente determinada como o discurso se relaciona com seu exterior (Foucault. 2004, p.198) Mesmo assim, Foucault se refere ao relacionamento de uma multiplicidade de elementos sem uma hierarquia *a priori* definida, enquanto o historiador inglês se refere ao relacionamento historicamente determinado das *relações de produção* com as demais atividades humanas, em que a primeira é mais fundamental.

Finalmente, em relação ao conceito de *sujeito* (coletivo ou individual), Foucault nega veementemente a ideia de que ao longo da história se manifestariam as múltiplas formas de uma essência do sujeito ou o desenvolvimento de seu *gêrmen* rumo ao seu acabamento. Em suma, para o filósofo o sujeito é simplesmente uma *forma* constituída historicamente. Thompson, por sua vez, parece negar a existência de uma natureza ou uma essência humana; pelo contrário, parece enfatizar que os sujeitos são historicamente constituídos.<sup>7</sup> Contudo, ele divide

---

7 Ver, sobretudo: Thompson (1981, p.165-6; 1998, p.23-4).

o sujeito em dois, *ser social e consciência social*, e a “primeira parte” – ainda que historicamente determinada – é mais fundamental, guarda a “verdade do sujeito” histórico. Foucault discorda dessa divisão, pois permitiria o retorno de todos os *duplos do Homem*.

Se é, portanto, possível afirmar que esses conceitos surgem, em grande parte, como respostas ao mesmo conjunto de problemas (determinismo econômico, teleologia, modelos abstratos de explicação histórica, essência humana etc.), que ambos identificaram no pensamento de sua época, não é possível afirmar que são a mesma coisa, pois são soluções antagonistas. Desse modo, em um estudo que recorreu simultaneamente às reflexões de Thompson e de Foucault seria possível definir o “pensamento predominante” a partir do sentido que o autor atribuiu a essas noções.

\*\*\*

No “eixo do poder”, Foucault concentrou suas críticas à concepção *formal de história* (codificação dialética) e à noção de poder que operava no marxismo. Essas críticas podem ser sintetizadas em cinco pontos. Primeiro, a dialética materialista (ou idealista) reduz uma série de contradições a uma única contradição principal, o que “é uma maneira de evitar a realidade aleatória e aberta”<sup>8</sup> da história. Segundo, o marxismo explica ou estabelece a inteligibilidade de todas as práticas culturais, jurídicas, científicas etc. por meio de um fundamento anterior que são as *relações de produção* ou a *luta de classes*. Terceiro, o *poder* é considerado pelos marxistas como uma “coisa” que alguém toma posse e serve exclusivamente para reprimir outrem. Quarto, não se trata de perguntar quem (classe ou grupo) detém o poder, mas como este é exercido na sociedade, é preciso estudar seus mecanismos de funcionamento. E, quinto, os marxistas se preocuparam principalmente em definir as *classes* (O que é a classe? Onde ela se situa? Quem ela engloba?) e muito pouco com o mais importante, isto é, as formas de

---

8 Cf. “Verdade e poder” (Foucault, 1979, p.5).

luta:<sup>9</sup> “O que me impressiona, na maioria dos textos, senão de Marx ao menos dos marxistas, é que sempre se silencia (salvo talvez em Trotsky) o que se entende por luta, quando se fala de luta de classe”.<sup>10</sup> É preciso perguntar: essas críticas de Foucault ao marxismo podem ser atribuídas também ao materialismo histórico e cultural thompsoniano?

Em relação à questão do *poder*, Thompson nunca desenvolveu uma teoria ou fez uma discussão elaborada sobre o tema (Munhoz, 1997, p.172). Entretanto, quando o historiador inglês critica a noção de *sociedade paternalista*, quando ele insiste em definir *hegemonia cultural* como um teatro e contrateatro, a *disciplina capitalista do trabalho* não como uma mudança tecnológica neutra e inevitável, mas sim como exploração e resistência à exploração, e quando defende vigorosamente o direito como uma mediação específica do conflito social e não como um instrumento de dominação, o que temos é o poder como *exercício e relação de forças*, não como *coisa* (ou instrumento) que se possui de uma vez por todas para dominar os outros. Assim, no que se refere aos estudos das formas de exercício de poder/resistência, as concepções de Thompson e Foucault se *aproximam*, é exatamente por isto que *Surveiller et punir* e *Time, work-discipline and industrial capitalism* puderam informa simultaneamente os estudos de Michelle Perrot sobre a disciplina industrial na França<sup>11</sup> – veremos que muitos historiadores brasileiros dos anos 1980 seguiram o mesmo caminho.

Nesse sentido, seria um equívoco concordar com o filósofo e afirmar que, como a maioria dos marxistas, Thompson não se preocupa com as *formas de luta*. É evidente – como acreditamos ter demonstrado – que o historiador inglês publicou milhares de páginas que só tratam da *luta*

9 Cf. “Não ao sexo Rei” (Foucault, 1979, p.242).

10 Cf. “Sobre a história da sexualidade” (Foucault, 1979, p.256). Sobre os estudos de Marx que tratam da luta, Foucault afirmou: “Pessoalmente, na obra de Marx, o que me atrai são as obras históricas, como os ensaios sobre o golpe de Estado de Louis-Napoléon Bonaparte, sobre a luta de classes na França ou sobre a Comuna” (cf. “Metodologia para o conhecimento do mundo: como se desembaraçar do marxismo” in Foucault, 2010a, p.203).

11 Cf. “As três eras da disciplina industrial na França do século XIX” (Perrot, 1992, p.53-80).

*de classes*, as diversas formas como ela se manifesta na cultura, na Lei, nos costumes, na política etc. Ele estudou tanto as diversas estratégias utilizadas pelos trabalhadores ingleses, como o *rough music*, a venda de esposas, a atividade “criminosa” dos Negros de Windsor, a “economia moral” da multidão, os debates e requisições da Sociedade Londrina de Correspondência, o luddismo etc., quanto as estratégias utilizadas pela *gentry*, como o teatro da Lei e da cultura, o terror dos suplícios de Tyburn, a disciplina do tempo etc. E, se tudo isso não bastasse, Thompson e Foucault compartilham o mesmo “favoritismo” por certos textos de Marx, aquelas que explicam a história pelas *estratégias de luta* e não pelos *modelos formais* de desenvolvimento.

Nesse sentido, as formas de explicação histórica de Thompson e de Foucault no “eixo do poder”<sup>12</sup> se *aproximam*. Pois, operam pela “metáfora” da luta, da guerra ou do jogo, em que o indivíduo age em seu benefício de acordo com os “esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (Foucault, 2006b, p.276); é uma análise das estratégias empreendidas de acordo com as condições históricas para conquistar a vitória.<sup>13</sup>

---

12 Como já discutimos no Capítulo 2, no “eixo da ética” Foucault *desloca* sua concepção de *história como luta* para a de *história como formas de governo*, por isso especificamos o eixo que estamos tratando.

13 É preciso esclarecer que essas aproximações foram parcialmente feitas também por outros autores. Vimos que o próprio Thompson retoma o conceito de *habitus* de Bourdieu e usa a metáfora do jogo para explicar o processo histórico. Paul Veyne (2011, p.179-80) recentemente associou a noção de *subjetivação* de Foucault com a de *habitus* de Bourdieu. Durval Muniz de Albuquerque Junior (2007, p.173-4) foi incisivo quando esclareceu a concepção histórica de Foucault a partir da metáfora do jogo, quase nos mesmos termos que Thompson: “A História, assim como um jogo, está sempre sendo jogada a cada vez; é descontínua, mesmo que se faça por repetições e apresente regularidades. Assim como nas partidas de futebol, que seguem sempre as mesmas regras, em que a semelhança do jogo parece garantida, mas o resultado é sempre incerto e a combinação das jogadas e os lances nunca se repetem, cada partida é singular e irrepitível, assim também são os eventos históricos. A História não tem um sentido dado *a priori*, não tem racionalidade e finalidade que a atravessa desde o começo; como o jogo, o sentido da História é o seu próprio acontecer. O resultado final de qualquer enfrentamento na História só se define em seu último instante, não há previsibilidade possível, somente

Em suma, os pensamentos de Thompson e de Foucault no “eixo do poder” se *aproximam* quando substituem as concepções *formal de história* (codificação dialética) e *jurídica de poder*, pelas concepções de *história como luta* e de *poder como relação*.

E isso é muito importante. Diferente de Foucault, Thompson se preocupa em estudar o exercício do poder a partir das “equipes”, isto é, a inteligibilidade das *relações de poder* e da *história* é atribuída pelas *classes em luta*. Ou, dito de outra forma, Thompson explica o sentido da luta ou das práticas em geral a partir dos sujeitos coletivos (plebeus e patrícios, burgueses e operários, oprimidos e opressores etc.) *a priori* definidos pelas *relações de produção*. Ao contrário, Foucault parte das estratégias ou práticas para explicar a constituição dos sujeitos. Por isso, não iremos encontrar nos estudos do filósofo uma explicação em termos de *luta de classes*, isto é, com sujeitos coletivos mais ou menos “predeterminados” por seu *ser social*; mas apenas *luta de práticas ou de estratégias* ou, ainda, a descrição de práticas “disponíveis” (impostas ou escolhidas) em uma época para a constituição dos sujeitos.

A maioria dos intelectuais, especialmente os historiadores, não admite uma explicação histórica que não se inicie pela definição dos sujeitos. Foucault já foi questionado por Jacques-Alain Miller, em entrevista de 1977, a respeito de sua explicação histórica “sem os protagonistas”: Como pensar as mutações históricas no campo teórico-prático, as relações de força e o combate, sem o recurso aos sujeitos? Segue o diálogo...

Michel Foucault: Certamente, e é isto que me preocupa. Não sei bem como solucionar este problema. Mas quando se considera que o poder deve ser analisado em termos de relação de poder, é possível apreender, muito mais que em outras elaborações teóricas, a relação que existe entre o poder e a luta, em particular a luta de classes. [...] Neste caso, o que luta quer dizer? Afrontamento dialético? Combate político pelo poder? Batalha

---

probabilidade de que as coisas se passem tal como o esperado”. Por fim, em outro lugar, assinalamos o quanto a metáfora da luta permeia a explicação histórica de diversos intelectuais, como Nietzsche, Foucault, Chartier e Thompson (cf. Joanilho et al., 2011).

econômica? Guerra? A sociedade civil permeada pela luta de classe seria a guerra prolongada por outros meios?

[...]

Jacques-Alain Miller: Afinal quem são para você os sujeitos que se opõem?

Michel Foucault: O que eu vou dizer não passa de uma hipótese: todo mundo a todo mundo. Não há, dados de forma imediata, sujeitos que seriam o proletário e a burguesia. Quem luta contra quem? Nós lutamos todos contra todos. Existe sempre algo em nós que luta contra outra coisa em nós.

Jacques-Alain Miller: Isto quer dizer que só haveria coalizões transitórias, sendo que algumas desmoronariam imediatamente, enquanto outras durariam; mas, finalmente, o elemento primeiro e último são os indivíduos?

Michel Foucault: Sim, os indivíduos e mesmo os subindivíduos.<sup>14</sup>

A respeito do papel das classes sociais em seu projeto, Foucault responde:

Uma classe dominante não é uma abstração, mas também não é um dado prévio. Que uma classe se torne dominante, que ela assegure sua dominação e que esta dominação se reproduza, estes são efeitos de um certo número de táticas eficazes, sistemáticas, que funcionam no interior de grandes estratégias que asseguram esta dominação. [...] Pode-se, portanto, dizer que a estratégia de moralização da classe é a da burguesia. Mas não creio que se possa dizer que foi a classe burguesa, como um sujeito ao mesmo tempo real e fictício, que inventou e impôs à força, ao nível de sua ideologia ou de seu projeto econômico, esta estratégia à classe operária. (Foucault, 1979, p.253)

Dessa forma, Foucault não pergunta: Como o soberano aparece no topo? O que fizeram os burgueses para dominar a classe operária? Ou, ainda, qual é o sentido de determinada prática de acordo com o sujeito que a produz? Sua pergunta é: Como surgiram os súditos ou como surgiu a dominação de classes por meio de práticas múltiplas e que emergem em diferentes pontos da sociedade? Ou, simplesmente,

---

14 Cf. "Sobre a história da sexualidade" (Foucault, 1979, p.256-7).

como foram “os corpos constituídos como sujeitos pelos efeitos de poder”? (ibidem, p.182-3).

Neste ponto surge a grande *diferença* entre a explicação histórica de Thompson e a de Foucault. Pois devemos considerar que, por exemplo, um dos objetivos de *Senhores e caçadores* (Thompson, 1987d, p.254-5, 282, 325) é demonstrar que pela ação de uma determinada classe social o “domínio da Lei” é contorcido de forma mais ou menos consciente (intencional), até certo limite (que é o limite da própria lógica jurídica), para atender as necessidades dessa mesma classe, os *Whigs*. Em um dado momento da história inglesa um dos sujeitos históricos, a burguesia *Whig*, “agarrou o direito, esganou-o, obrigando-o a modificar sua linguagem e criar formas adequadas ao modo de produção, como as leis do fechamento de terras, e novos códigos excluindo os direitos consuetudinários” (Thompson, 1981, p.110).

Em Thompson a *luta de classes* – talvez o único conceito realmente universal para o autor, considerando sua concepção heurística – é um “dado prévio” para explicação histórica. Para Foucault no “eixo do poder”, ao contrário, as classes são o efeito de práticas mais ou menos dispersas, operadas por diferentes sujeitos, que acabam por constituir uma estratégia bem-sucedida, de tal modo não poderíamos dizer que foi a classe burguesa que “inventou e/ou impôs” um projeto social à classe operária. E, nesse sentido, a produção da vida material não é o fundamento ontológico ou nexos explicativo da história, que se expressa – por meio de pressões e limites – em todas as outras atividades humanas, como defende Thompson.

\*\*\*

O diálogo de Janus até agora nos levou, portanto, às seguintes conclusões: Em relação à análise documental, o método arqueológico de Foucault e o método “hermenêutico” de Thompson, apesar de possuírem fundamentos epistemológicos distintos, podem se *complementar* – veremos que um esforço de *complementação* nesse sentido foi empreendido, por exemplo, pela historiadora brasileira Silvia Hunold Lara.

Os pensamentos do historiador e do filósofo se *aproximam* em relação às concepções de *poder como exercício* (ou relação) e de *história como luta* (ou jogo). Ambos forjados contra uma explicação histórica *modelar formal* – diversos estudos dos anos 1980 serão informados por essa *aproximação*, por exemplo, aqueles sobre o movimento operário brasileiro.

E, por fim, existem *diferenças* entre as *práticas historiográficas* de Thompson e de Foucault que são inconciliáveis ou, melhor dizendo, é preciso escolher entre explicar as *práticas* por meio dos *sujeitos* e utilizar noções que podem recair naquilo que Foucault denominou *analítica da finitude* ou explicar os *sujeitos* por meio das *práticas* e utilizar noções que podem recair naquilo que Thompson denominou *história desumanizada* – veremos que até meados da década de 1980 essa *diferença* não era entendida como um empecilho e, por isso, muitos estudos utilizaram – sem prolegômenos ou inquietações de ordem epistemológica – Foucault para agregar valor explicativo a uma posição predominantemente marxista ou, especificamente, thompsoniana.

## Formas de escrita

Certeau (2002, p.96-100) em sua discussão da *operação historiográfica* afirmou que a *escrita*, em primeiro lugar, inverte o sentido da *operação*. Pois, por um lado, “oculta” que esta se inicia por problemas do presente, e, por outro lado, transforma esse presente em resultado do movimento histórico. Em segundo lugar, e conseqüentemente, a *escrita* produz um sentido para a história. Enfim, em terceiro lugar, que a *escrita historiográfica* é constituída por uma parte de *lógica formal* e outra parte de *narrativa*.

Para pensar a *escrita* de Thompson e de Foucault, Fernando Nicolazzi (2004) nos forneceu uma perspectiva interessante a partir das noções de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*<sup>15</sup> enquanto

---

15 Esses são conceitos desenvolvidos por Reinhart Koselleck (2006, p.305-27): O *espaço de experiência* se refere a tudo que foi incorporado do passado nos indi-



articuladoras das *narrativas* de Thompson e de Foucault: “o que essas considerações permitem realizar é uma aproximação teórica entre as análises hermenêuticas de Ricoeur e os conceitos teóricos sobre os diferentes estratos de tempo desenvolvidos por Reinhart Koselleck” (Nicolazzi, 2004, p.102).

Nicolazzi analisa a forma como o historiador inglês e o filósofo francês, em livros específicos, explicam a constituição dos sujeitos por meio de uma determinada relação com o tempo da narrativa, concluindo:

Tanto em *A formação da classe operária inglesa* quanto em *O uso dos prazeres*, o que se objetiva é uma ação particular, a constituição de sujeitos históricos, porém, no primeiro caso, a experiência é orientada do passado para um presente, enquanto que, no segundo caso, ela se orienta do presente para um futuro. (ibidem, p.128)

Isso significa, por um lado, que Thompson, preocupado em narrar a constituição desse “ser coletivo” que é a classe operária inglesa, estabelece uma narrativa com termo em 1832. “Já há, configurada no texto, uma ação una e completa: o sujeito histórico aparece inteiramente constituído, o que não implica o encerramento de uma história, mas o fechamento de uma narrativa” (ibidem, p.130). Para entendermos as próximas “peripécias” desse sujeito, de agora em diante constituído, será preciso outra narrativa. Por outro lado, em Foucault a narrativa não tem termo, ou melhor, o texto não acaba com a constituição de um sujeito; já que nenhum sujeito estaria constituído definitivamente...

---

víduos de uma determinada sociedade, consciente ou inconscientemente, racional ou emocionalmente. É espacial e não temporal, pois é o aglomerado de vários extratos do passado (síntese temporal) de um dado lugar social. O *horizonte de expectativa* é o que se espera que aconteça, portanto voltado para o futuro; variando historicamente, pode ser fundado em uma análise racional e/ou em fatores emocionais, como o desejo, a esperança, etc.; em parte no espaço de experiência e em parte imaginativo; pois, busca com maior ou menor intensidade ultrapassar esse espaço de experiência. A relação entre ambas e a maior ou menor importância dada a cada uma em uma sociedade determina o “regime de historicidade”.

[...] a narrativa não se conclui em um ponto derradeiro, ela apenas indica a direção ao futuro, ao próximo volume da longa história da experiência ampla da sexualidade. O texto é encerrado, e a intriga fecha-se no limite do livro, com um espaço configurado de uma ação possível, mas a experiência da subjetividade permanece e desloca-se: a ética cristã será diferente, e, depois dela, nos próximos volumes, outros deslocamentos. (ibidem)

Podemos, portanto, dizer que Nicolazzi nos apresenta o “reflexo” do conceito de sujeito de cada autor em suas respectivas narrativas, *A formação da classe operária* tem como preocupação a constituição de um sujeito, daí uma narrativa do *espaço da experiência*. *O uso dos prazeres*, por sua vez, narra apenas uma das formas de constituição dos sujeitos, por isso uma narrativa voltada para o *horizonte de expectativa*. A partir dessa discussão proposta por Nicolazzi, gostaríamos agora de propor outra: comparar aqueles textos de Thompson com *Vigiar e punir* a partir de uma perspectiva que tenta alinhar Certeau e Koselleck.

Tanto a *escrita* de Thompson quanto a de Foucault principiam em um ponto final vislumbrado a partir do presente, e tanto *A formação da classe operária inglesa* quanto *Vigiar e punir* foram escritos para que atingissem essa determinada referência na linha temporal, que era antes o ponto inicial da *prática historiográfica* – considerando a já referida “inversão escriturária” definida por Certeau. O ponto referencial de Thompson era a classe operária inglesa “acabada”, ponto importante de uma explicação histórica que possui como nexos ou sentido profundo a *luta de classes*. Desse modo, *A formação da classe operária inglesa* “resgata” todo um *espaço de experiência* para demonstrar a constituição da classe operária e, também, estabelece um *horizonte de expectativa* que é justamente o fim da *luta de classes*, já que as “equipes” estão agora definitivamente constituídas. Em suma, a trilogia do historiador inglês é sem dúvida, como afirmou Nicolazzi, uma narrativa do *espaço de experiência*, mas não deixa de definir uma *expectativa de futuro*.

Foucault, por sua vez, procurou compreender o sistema punitivo atual (ponto de referência final), daí, por meio de uma pesquisa

histórica, retoma até o limiar do conjunto de *práticas* que o constituiu – isto é, o momento de substituição das práticas de suplício do Antigo Regime pelas práticas prisionais modernas. Sua *escrita* retoma os combates táticos e estratégicos desse processo de substituição, se encerra com os efeitos dessas *práticas* na sociedade atual (delinquência, carcerário etc.) sem promessas futuras ou, melhor dizendo, estabelecendo um amplo *horizonte de expectativas*.

Em suma, a *escrita* da constituição desse conjunto de práticas que compõem o sistema punitivo atual não deixa de retomar um *espaço de experiência*; além disso, a experiência atual (o conjunto de práticas atual) é o que determina o modo de “ultrapassagem possível”. Isto é, apesar de a *escrita* não estabelecer um ponto de referência no futuro, limita o *horizonte de expectativa* de acordo com as condições concretas do presente – essa é a função da *ontologia histórica de nós mesmo*.

Ao contrário, portanto, de Nicolazzi, acreditamos que a *escrita* de ambos retoma com a mesma intensidade um *espaço de experiência* para daí estabelecer um campo de possibilidades ou um *horizonte de expectativa*. A diferença entre o filósofo francês e o historiador inglês é que a *escrita* do segundo estabelece um ponto de referência dentro desse campo de possibilidades, que é o “fim da luta de classes”.

\*\*\*

Sem desconsiderar que é com a *escrita* que se produz os sentidos e é nela que se articula o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*; nosso interesse neste estudo é admiti-la como uma técnica de exposição, tal como sugeriram Eric Hobsbawm em “A volta da narrativa” (Hobsbawm, 1998, p.201-6), ou Peter Burke em “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa” (Burke, 1992, p.327-48). Nesse sentido, como indicado em várias passagens deste texto, entendemos que na *escrita* de Thompson predomina uma *narrativa sincrônica*, que expõe um conjunto de elementos (fatos, ações, formas de pensar) que ocorrem ao mesmo tempo, se opõem e se combinam produzindo um movimento contínuo e uma

regularidade temporal. É a narração da história de muitos sujeitos que coincidem ou se dispersam dando forma ao processo histórico. É também uma *escrita* “cerrada entre as fontes”, isto é, repleta de citações diretas seguidas por interpretações, bem como recorre pouco a dados estatísticos.

Na *escrita* de Foucault predomina a *descrição*, é como a pintura de quadros em que as partes se relacionam em limiares, sem um movimento uniforme ou sucessivo. É uma *escrita* que procura caracterizar as *práticas* e as relações concretas entre elas em uma determinada época, bem como suas dispersões temporais (transformações, emergências, esquecimentos etc.). Em comparação com Thompson, predominam as citações indiretas e praticamente inexistente o uso de dados estatísticos.

Em outros autores podemos perceber outras formas de *escrita*; por exemplo, em Louis Althusser é a *lógica formal* que predomina, a definição de categorias e das relações lógicas entre essas e quase não existe citações ou “dados objetivos” em geral. Hobsbawm e Perry Anderson combinam *lógica formal* e *narrativa* constituindo uma *narrativa sintética*: uma codificação do conjunto de fatos em uma totalidade, que se desdobra no tempo de acordo com um padrão lógico de desenvolvimento. Além disso, recorrem a citações diretas e indiretas, informações estatísticas, utilizam gráficos e tabelas, entre outros recursos para fornecer “dados objetivos”.

A diferença entre a *narrativa sincrônica* de Thompson e a *sintética* de Hobsbawm pode ser ilustrada pela imagem do “historiador andarilho” e do “historiador voador” (Cardoso Jr., 2011a, p.1-6). O primeiro tem maior visão dos detalhes e percebe apenas regularidades – em um exército seria o soldado no campo de batalha, capaz de narrar a multiplicidade do cotidiano e suas constâncias. O segundo pode produzir uma visão de conjunto, mas não percebe detalhes – seria o general no quartel, capaz de entender o movimento uniforme das tropas, mas não enxerga as especificidades do cotidiano da batalha.

Podemos encontrar essas diferentes formas ou estilos de *escrita* também na historiografia brasileira e verificar como o *uso* de Thompson e de Foucault influenciou na passagem da predominância de uma forma para outra.

## Postura ético-política

Foucault também criticou o marxismo como realidade histórico-política, pois o considera a aplicação prática dos efeitos de poder do marxismo teórico:

Quer dizer que o marxismo como ciência – na medida em que se trata de uma ciência da história da humanidade – é uma dinâmica de efeitos coercitivos, a propósito de uma certa verdade. Seu discurso é uma ciência profética que difunde uma força coercitiva sobre uma certa verdade, não somente em direção ao passado, mas ao futuro da humanidade.<sup>16</sup>

Muitos anos antes de Foucault expressar essa crítica, Thompson já empreendia todo um esforço teórico-prático de denúncia e escape dos efeitos coercitivos do “marxismo realidade”, para isso fundou a Nova Esquerda, desenvolveu a ideia de “socialismo humanista”, resgatou as experiências desqualificadas pelos “ares superiores de condescendência da posteridade” etc.

Ambas as críticas encerram os mesmos motivos: o efeito coercitivo da postura *vanguardista*, que silencia (consciente ou inconscientemente) inúmeras vozes e experiências por meio de seu suposto caráter científico, uma suposta capacidade exclusiva de atravessar a ideologia e expressar a verdade. E, como sugerimos desde a epígrafe que enceta este texto, ambos procuraram descrever os diversos mecanismos desse silenciamento e afirmar a capacidade e importância das pessoas comuns tomarem suas próprias decisões. Esses são elementos semelhantes da postura ético-política de Thompson e de Foucault, contudo existem diferenças.

Sem dúvida a *operação historiográfica* de Thompson e suas atitudes atestam sua lealdade às experiências e ao conhecimento dos excluídos, subalternos, dominados etc. Mais que isso, o historiador inglês tomou partido dos oprimidos e os defendeu bravamente da “condescendência”. Além disso, procurou organizar e conduzir essas experiências por meio da única racionalidade que poderia levar a Verdade, o “socialismo

---

16 Cf. “Sobre a história da sexualidade” (Foucault, 1979, p.191).

humanista”. Qualquer um que fosse contrário a esses princípios era imediatamente o Outro a ser convertido, conquistado ou derrotado (Anderson, Althusser, Kolakowski etc.).

Foucault, por sua vez, apesar de destacar a importância e divulgar os “saberes das pessoas”, não toma partido dos oprimidos, não considera a possibilidade de uma unanimidade entre as pessoas, nem uma racionalidade capaz de integrar as diferenças e dissolver definitivamente todas as *relações de poder*. Em Rivière, por exemplo, não reside um fragmento da verdade que irá compor a Verdade ou um fundo comum de sabedoria popular, como reside nos ludditas para Thompson ou em Menocchio para Ginzburg. O filósofo francês apenas usou os *saberes subalternos* pontualmente para evidenciar certas *relações de poder*.

Em suma, enquanto Thompson resgata, organiza e auxilia os oprimidos na constituição de uma sociedade justa e igualitária por meio da racionalidade socialista. Foucault divulga e usa o “saberes das pessoas” para perpetrar as “ultrapassagens possíveis”, sem promessas e sem racionalidade definitiva. Essas são as diferenças entre a postura ético-política do *militante de base* e a do *intelectual específico*.

## Uma forma de olhar

Finalmente, podemos sintetizar e exemplificar o que discutimos na primeira parte deste estudo no Quadro 1. Como já afirmamos em diversas passagens, isso não significa que as *operações historiográficas* desses autores sejam exclusivamente compostas por esses elementos ou que esses sejam os únicos elementos possíveis, afirmamos apenas que esses elementos predominam nos textos que discutimos desses autores e são os elementos que isolamos para descrever. Com essa classificação e a descrição de suas características, pretendemos estabelecer uma *grade de leitura* para discutirmos as *apropriações* de Thompson e de Foucault e seus *efeitos* na historiografia brasileira. Essa *grade* não é fixa, ao discutirmos as *apropriações* surgirão *deslocamentos*.

Quadro 1 – Exemplos de combinações de elementos historiográficos

AUTOR	MÉTODO	ESCRITA	ETICO-POLÍTICA
Althusser	Analítico	Lógica formal	Vanguardista
Hobsbawm	Analítico	Narrativa sintética	Vanguardista
Thompson	Hermenêutico	Narrativa sincrônica	Militante de base
Foucault	Arquigenealogia	Descrição	Intelectual específico

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda, os *modos de usar* os textos de Thompson e de Foucault variaram muito e, desde já, é preciso diferenciar algumas. Em primeiro lugar, podemos diferenciar as apropriações *teórico-metodológicas*, aquelas que usam efetivamente elementos das *práticas historiográficas* dessas intelectuais (noções, conceitos, métodos de análise etc.); das *apropriações de conteúdo*, que recuperam apenas certos argumentos, informações, proposta temática, enfim, *usam* os textos de Thompson e de Foucault como “fonte secundária” ou como uma espécie de “modelo hipotético” a ser testado por meio de outros métodos e noções que, algumas vezes, antagonizam com aqueles empregados pelos autores.

Quando se trata de uma *apropriação teórico-metodológica* é possível verificar se ocorreu uma adesão completa ao pensamento do autor; por exemplo, no caso de Foucault seria preciso admitir seu método, noções e praticar uma história das *práticas* e não dos *sujeitos*. São possíveis também *apropriações parciais*, por exemplo aquelas que *usam* Foucault para agregar valor explicativo nos pontos que se *aproxima* de Thompson (*poder como relação e história como luta*) ou, ainda, *complementar* o procedimento arquigenealógico com procedimentos hermenêuticos.

Acreditamos que essa *grade de leitura* sirva para examinarmos a historiografia brasileira da década de 1980, a respeito das *apropriações* de Thompson e de Foucault, sem recorrermos a uma avaliação em termos de erro ou de acerto, sem um olhar que julga em busca de uma *operação historiográfica* que seria mais adequada a “realidade” brasileira; mas sim em termos de *práticas historiográficas* diversas que se combinam, se excluem e se transformam.